

Mauro Vieira propõe G20 como alternativa à 'paralisia' da ONU

Em reunião de chanceleres no Rio, brasileiro critica Conselho de Segurança

Camilla Zarur e Italo Nogueira

RIO DE JANEIRO O ministro das Relações Exteriores do Brasil, Mauro Vieira, criticou o estado de paralisia do Conselho de Segurança da ONU para conter os conflitos atuais no mundo, como as guerras na Faixa de Gaza e na Ucrânia. A declaração foi dada durante o discurso de abertura da reunião de chanceleres do G20, que aconteceu nesta quarta-feira (21), no Rio de Janeiro.

Vieira afirmou que é dever do Grupo dos Vinte assumir o papel na mediação das crises internacionais, já

que consegue reunir países de lados opostos dos conflitos em mesa de negociação. A fala do chanceler brasileiro segue a linha de defesa do governo federal pela reforma da governança global — uma das prioridades da presidência brasileira no G20.

"As instituições multilaterais não estão devidamente equipadas para lidar com os desafios atuais, como demonstrado pela inaceitável paralisia do Conselho de Segurança em relação aos conflitos em curso. Esse estado de inação implica diretamente em perdas de vidas inocentes", disse Vieira.

O discurso foi feito no dia seguinte ao terceiro veto dos EUA a uma proposta de resolução enviada ao Conselho de Segurança da ONU para determinar um cessar-fogo imediato na guerra Israel-Hamas. Treze membros do órgão votaram a favor do texto redigido pela Argélia, enquanto o Reino Unido absteve. Os EUA foram o único país a se manifestar de forma contrária à resolução.

Diante do quadro, que vive, no entanto, esse grupo é, possivelmente, o fórum mais importante onde países com visões opostas ainda conseguem sentar à mesa e ter conversas produtivas sem neces-

sariamente carregar o peso de posições arraigadas e rígidas que têm impedido avanços em outros fóruns, como o Conselho de Segurança das Nações Unidas", completou Vieira.

O G20 é o grupo que reúne as 19 maiores economias do mundo, além da União Europeia e da União Africana. Neste ano a presidência do fórum está com o Brasil, que estipulou três prioridades para seu mandato: além da reforma da governança internacional, há o combate à fome, pobreza e desigualdade e as três dimensões do desenvolvimento sustentável (econômica, social e ambiental).

“As instituições multilaterais não estão devidamente equipadas para lidar com os desafios atuais, como demonstrado pela inaceitável paralisia do Conselho de Segurança em relação aos conflitos em curso. Esse estado de inação implica diretamente em perdas de vidas inocentes”

Mauro Vieira
ministro das Relações Exteriores, em reunião de chanceleres do G20 no Rio

A reunião dos chanceleres é a primeira ministerial a ser feita sob a presidência do Brasil. O tema desse encontro, que deve direcionar as negociações políticas do grupo, vai girar em torno da necessidade de mudanças nos organismos internacionais e nos conflitos em curso no mundo.

O governo brasileiro também usa o fórum para instigar que países do chamado Sul Global se fortaleçam. Em seu discurso, Vieira fez uma referência irônica ao fato de o Norte estar "unido em torno de uma aliança militar", em referência à Otan, enquanto o Sul, segundo ele, "é coberto por várias camadas e temas de paz e cooperação".

"O Brasil não aceita um mundo em que as diferenças são resolvidas com o uso da força militar. Uma parcela muito significativa do mundo fez uma opção pela paz e não aceita ser envolvida em conflitos impulsionados por nações estrangeiras. O Brasil rejeita a busca de hegemonias, antigas ou novas. Não é do nosso interesse viver em um mundo fraturado", disse o chanceler brasileiro.

O chefe do Itamaraty também criticou os altos gastos militares no mundo e fez uma comparação com as despesas em assistência social e no combate às mudanças climáticas. Segundo pesquisa do britânico Instituto Internacional de Estudos Estratégicos (IISS, na sigla em inglês), as despesas com poderio bélico dos países foram as maiores em 2023 desde a Segunda Guerra Mundial.

"Não é minimamente razoável que o mundo ultrapasse, e muito, a marca de US\$ 1 trilhão em gastos militares a cada ano. A título de comparação, os programas de ajuda da Assistência Oficial ao Desenvolvimento permanecem estagnados em torno de US\$ 60 bilhões por ano, menos de 3% dos gastos militares. Os desembolsos para combater mudanças climáticas, sob o amparo do Acordo de Paris, mal conseguem alcançar os compromissos de US\$ 100 bilhões por ano, portanto menos de 3% dos gastos militares", afirmou Vieira.

O ministro afirmou que a discrepância entre os gastos mostra uma inação no combate à desigualdade social e às mudanças climáticas. "Se a desigualdade e mudanças climáticas de fato constituem ameaças existenciais, não consigo evitar a sensação de que nos faltam ações concretas sobre tais questões".



O ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, discursa durante abertura de reunião de chanceleres do G20 no Rio de Janeiro

Transição energética e relações com África pesaram na escolha de convidados do encontro

RIO DE JANEIRO Quando o Brasil assumiu a presidência do G20, em dezembro passado, o presidente Lula (PT) convidou oito países e algumas organizações internacionais para participarem das reuniões do grupo. Cada convite mirou uma estratégia do governo, que decidiu priorizar a transição energética e as relações com a África.

Lula pôs na lista Angola, Egito, Emirados Árabes Unidos, Nigéria, Noruega, Portugal e Singapura, além da Espanha, que é convidada permanente. Também foram chamadas entidades como BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), Banco Mundial, FMI (Fundo Monetário Internacional), ONU, Unesco, OMS (Organização Mundial de Saúde), OMC (Organização Mundial do Comércio) e OIT (Organização Internacional do Trabalho).

Todos esses países e instituições vão participar das reuniões do grupo, sejam elas ministeriais ou técnicas, que acontecerão ao longo do ano em cidades brasileiras. Isso inclui o principal encontro do G20, que é a cúpula de chefes de Estado, a ser realizada no Rio de Janeiro, em novembro.

Pela questão energética, Lula escolheu os Emirados Árabes Unidos e a Noruega. O primeiro é um dos maiores produtores de petróleo do mundo e uma potência do Oriente Médio. O segundo é um parceiro estratégico para o Brasil. O país nórdico é o maior produtor de petróleo e gás natural da Europa Ocidental e atua como um dos principais incentivadores da transição energética e sustentável. Inclui, nesse segundo ponto, o Brasil tem interesse em fortalecer as parcerias da Petrobras com a Noruega.

Os noruegueses são os principais doadores do Fundo Amazônia Gerido pelo INDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), o fundo capta doações para preservação e monitoramento da floresta amazônica. Ao escolher três países africanos — Angola, Egito e Nigéria —, Lula reitera sua defesa de trazer uma maior participação do continente para o G20. O presidente deu esse mesmo recado ao participar da Cúpula da União Africana, na semana passada, na Etiópia. Este ano marca a estreia do bloco africano como membro per-

manente do grupo. Além dela, só a África do Sul participa do fórum entre os representantes do continente. A questão geográfica pesou para a escolha de Singapura. De acordo com diplomatas ouvidos pela Folha, Lula não quis concentrar os convidados em apenas uma região ou continente. Por isso, decidiu chamar o país asiático, uma das principais economias do continente e um centro importante de tecnologia na região. Singapura também é um relevante parceiro comercial, com superávit de US\$ 2,4 bilhões para o Brasil em 2022. Além disso, o país asiático fechou recentemente um acordo com o Mercosul.

Por fim, Portugal foi indicado pelas suas relações históricas e culturais com o Brasil. O convite também busca fortalecer os vínculos entre países lusófonos. Neste mesmo sentido, também foi convidada a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa). Em relação às entidades, como ONU, FMI e Banco Mundial, o interesse maior de Lula é trazer os organismos internacionais para dentro do debate da reforma da governan-

ça global — um dos pilares da presidência do Brasil no G20. O presidente defende que mais países emergentes tenham participação nas decisões desses órgãos, principalmente para melhorar as discussões sobre as dívidas de países em desenvolvimento. "Não é possível que as instituições de Bretton Woods, Banco Mundial, FMI, e tantas outras instituições financeiras continuem funcionando como se nada estivesse acontecendo no mundo, como se estivesse tudo resolvido", afirmou Lula, quando assumiu a presidência do G20. "A insustentável divisão externa dos países mais pobres precisa ser equacionada. A Organização Mundial do Comércio tem de ser revitalizada".

Com relação à ONU, um dos pontos criticados por Lula é o Conselho de Segurança, que tem apenas cinco membros permanentes com poder de veto (EUA, Rússia, China, França e Reino Unido). O presidente defende que o número de cadeiras no órgão aumente. Ele afirma ainda que as Nações Unidas não têm sido capazes de conter os conflitos internacionais e cita como exemplos as guerras em Gaza e na Ucrânia.

Durante a cúpula do Mercosul, também em dezembro, Lula anunciou que convidaria os países do bloco a participarem das reuniões do G20. A lista inclui Uruguai, Paraguai e Bolívia, no entanto, restringiu-se apenas à reunião dos chanceleres — a Argentina, também integrante do Mercosul, já é membro do G20. As três nações sul-americanas não vão participar das demais reuniões do G20 a não ser que recebam um novo convite. Não estarão, portanto, no encontro com os ministros de Finanças e presidentes dos Bancos Centrais do fórum, que ocorre na semana que vem, em São Paulo.

Segundo integrantes do Itamaraty, trazer o Mercosul para as discussões políticas, que permeiam as reuniões com os chefes da diplomacia, fortalece o continente como um todo. Contudo, os três países da região teriam pouco a agregar nos debates econômicos. Por isso, foram deixados de lado. Não há um limite formal para o número de convidados, de 15 anos foi resgatado junto de um familiar e de três adultos provenientes de El Salvador e Honduras. O grupo permaneceu no México.

O ministro da Economia afirmou ainda que as Nações Unidas não têm sido capazes de conter os conflitos internacionais e cita como exemplos as guerras em Gaza e na Ucrânia.

Menina brasileira é resgatada na fronteira dos EUA

NOVATE Uma menina brasileira de 9 anos foi resgatada por agentes do Instituto Nacional de Migração do México (INM) em uma ilha no rio Bravo (chamado de rio Grande pelos americanos), segundo o órgão mexicano divulgou nesta terça (22). Ela estava sozinha e foi encontrada no domingo (18).

De acordo com a instituição, a polícia de fronteira dos Estados Unidos alertou a equipe do órgão mexicano sobre uma criança que havia se separado da mãe e ficado sozinha na pequena ilha. A identidade da menina não foi revelada. Em vídeo publicado pelo órgão, ela afirma ter 9 anos, ser do Brasil e se chamar Agatha. A imagem do rosto dela foi borrada pelo INM.

No mesmo dia, outro menor de idade, de 15 anos, foi resgatado junto de um familiar e de três adultos provenientes de El Salvador e Honduras. O grupo permaneceu no México.

O ministro da Economia afirmou ainda que as Nações Unidas não têm sido capazes de conter os conflitos internacionais e cita como exemplos as guerras em Gaza e na Ucrânia.

A presidência brasileira vai até novembro, quando assumirá a África do Sul. O